

390				
			800	J

ÍNDIAS PROSTITUÍDAS

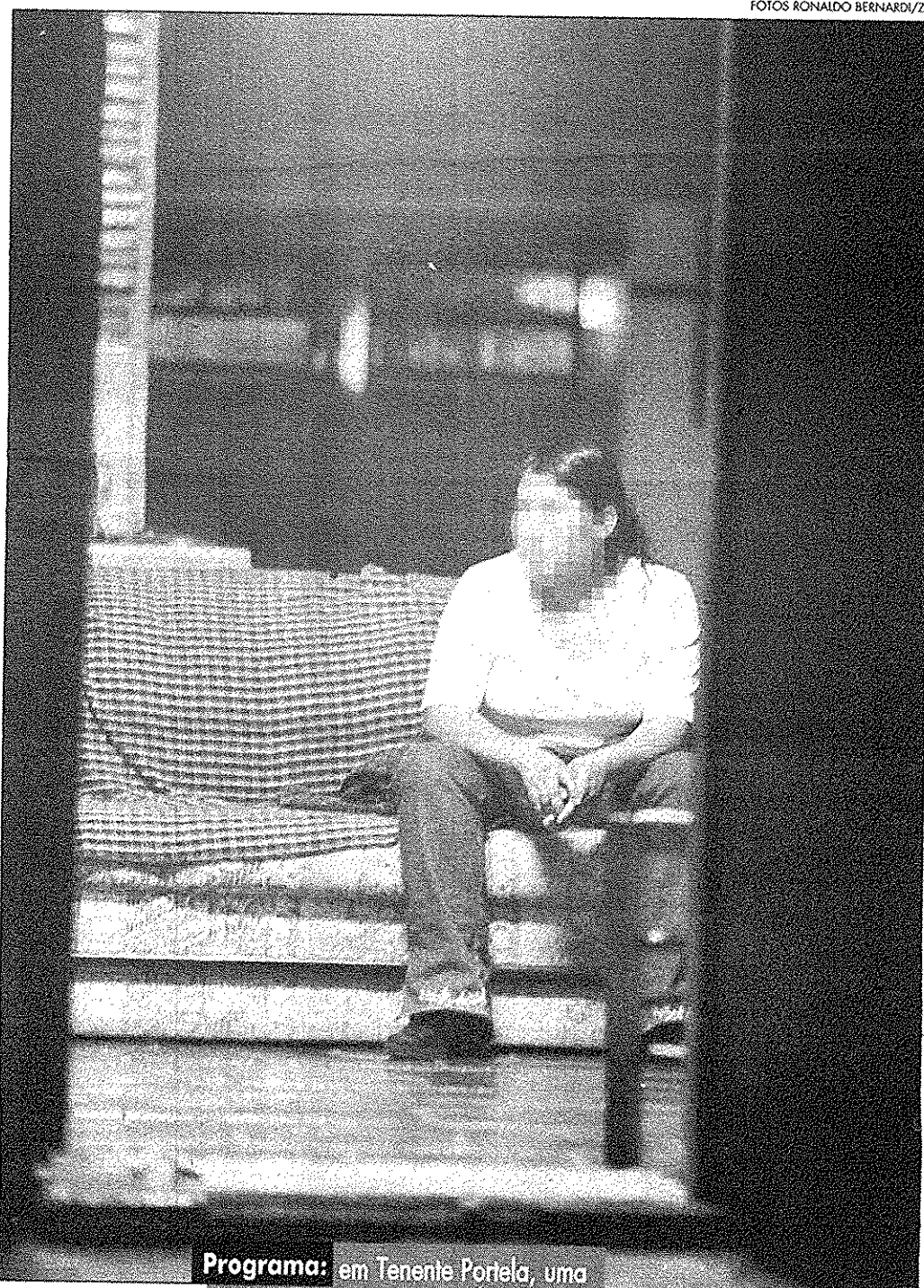


Comércio sexual violenta as reservas

CARLOS WAGNER

A prostituição avança como um parasita em algumas reservas indígenas do Rio Grande do Sul. Aliciadores, gigolôs e cafetões, aliados a líderes corruptos, ameaçam uma população próxima de 12 mil pessoas, o que restou dos primitivos habitantes do território gaúcho. A busca de lucros estimula a violência e contribui para disseminar doenças entre brancos e índios e degenerar a cultura que as reservas deveriam preservar. Para revelar o drama, Zero Hora percorreu as 13 reservas regulamentadas no Estado, além de bares, avenidas, prostíbulo e bailões freqüentados pelas garotas indígenas. O quadro aterrador é descrito em uma série de reportagens de hoje até terça-feira.

FOTOS RONALDO BERNARDI/ZH



Programa: em Tenente Portela, uma caingangue com menos de 18 anos aguarda cliente

Garotas da principal tribo do território gaúcho, a caingangue, estão sendo prostituídas por uma rede de gigolôs, donos de boates, familiares e líderes indígenas. É uma ameaça entre os 12 mil integrantes das 12 reservas do norte do Estado. Os conselhos tutelares, impedidos de entrar nas reservas, estão de mãos amarradas. Em alguns casos há cumplicidade do pai, em troca de favores políticos e econômicos. Para muitas das meninas, o comércio sexual representa acesso a bens de consumo como roupas, produtos de beleza e bebidas.

A exploração sexual de indígenas, adultas ou não, é crime previsto pelo Estatuto do Índio. As penalidades vão desde a interdição do bordel até a prisão do cafetão e de clientes.

A prostituição foi infiltrada pelos comerciantes das cidades vizinhas, transformando as adolescentes em moeda negociada com índios corruptos. Resultado: as doenças sexualmente transmissíveis estão fora de controle. Em cada quatro crianças nascidas, três são filhas de brancos. Em algumas comunidades, se institui o estupro como ritual de iniciação da prostituta. Sem a cumplicidade dos líderes indígenas, a prática seria estancada em razão do poder do cacique. Ele pode surrar, prender ou mesmo expulsar da área quem contrariá-lo.

O negócio cresceu como modo de driblar a miséria de famílias submetidas ao regime totalitário de líderes como Valdir Joaquim, 39 anos, da reserva da Guarita, em Tenente Portela. Segundo relatório da chefe do posto da Fundação Nacional do Índio (Funai), Albertina Rosana Dias, enviado em 29 de maio para o Ministério Público (MP) Federal, o cacique é envolvido em desvio de recursos públicos, assédio sexual e facilitação à prostituição. O MP abriu a investigação em 20 de junho, e Valdir Joaquim contesta as acusações.

Segundo policiais federais e técnicos da Funai e da Fundação Nacional

da Saúde (Funasa), o maior número de prostitutas está nas duas maiores reservas do Estado: Nonoai (14 mil hectares nas cidades de Nonoai e Planalto) e Guarita (22 mil hectares, em Tenente Portela, Miraguaí e Redentora).

No mês passado, levantamento da Funasa em um grupo de 20 adolescentes (de 12 a 16 anos) das duas reservas revelou dados alarmantes: 12 eram gestantes — das quais oito engravidaram se prostituindo com brancos. Há várias explicações para esses números. Uma delas é o foco do levantamento: garotas de áreas vizinhas a cidades, portanto sob contato direto com os brancos.

Parcial, o levantamento é insuficiente para precisar a infiltração da prostituição na comunidade indígena. Mas dá uma boa idéia das consequências. Entre as meninas pesquisadas pela Funasa, três já tinham sido vítimas de algum tipo de doença venérea, principalmente a blenorragia (a popular gonorréia). Uma delas, uma menina de 14 anos da Gua-

rita, em Tenente Portela, é portadora do papilomavírus, o principal causador do câncer de colo do útero. Os programas com os brancos são feitos fora das reservas. Dentro da área, as garotas acabam se relacionando com homens

casados da tribo. Elas os contaminam com doenças venéreas. E eles, as suas mulheres. Conter o ciclo é um desafio para jovens líderes caingangues ligados à Articulação dos Povos e Organizações Indígenas do Sul e ao Conselho Indigenista Missionário.

Na última semana de julho, em Passo Fundo, uma caingangue grávida de sete meses procurou ajuda na Funasa porque contraíra uma doença venérea do marido. Não há casos de Aids confirmados, tampouco existe levantamento preciso sobre doenças venéreas.

Até pouco tempo, o esquema era discreto nas reservas. Como um técnico da Funai observou a Zero Hora, a situação mudou. O poder dos cafetões já rivaliza com o dos curandeiros, figuras influentes nas comunidades.

Fora-da-lei:

uma rede de aliciadores viola o Estatuto do Índio, que assegura a sobrevivência de um povo

O poder dos cafetões já rivaliza com o dos curandeiros



AMANHÃ: as comunidades vizinhas às principais reservas do norte do Estado estão sitiadas pelos exploradores de índias